

## **Um 'formigueiro de pretos' no Jaraguá (1880-1940): do Morro da Boa Vista ao Morro da África – memórias negras.**

Ancelmo Schörner (UNICENTRO/PR)

### Resumo.

O morro, notadamente quando seus moradores são negros e pobres, recebe quase sempre um tratamento hierarquizado e diferenciador que marca a construção de certa visão de cidade e de sociedade, tal como nos mostra a história do Morro da Boa Vista, em Jaraguá do Sul (SC). Este texto é resultado de uma pesquisa, baseada na coleta de depoimentos dos moradores, documentos da Prefeitura de Jaraguá do Sul/SC e notícias de jornais da região, que realizamos em dois morros de Jaraguá do Sul no ano de 2004 e é parte de nossa tese de doutoramento em História (UFSC). Um dos morros, o da Boa Vista, é um dos espaços mais antigos de sua ocupação, nos remetendo para os tempos da colonização da região. Até a década de 1870, o morro, como espaço dotado de historicidade não existia, sendo que a primeira indicação oficial foi feita por Emílio Carlos Jourdan, colonizador de parte das terras onde hoje é Jaraguá do Sul, por volta de 1880. Os primeiros habitantes do morro foram trabalhadores negros vindos do Norte/Nordeste e do Rio de Janeiro para trabalharem para Jourdan no Estabelecimento Jaraguá. Este funcionou até 1883, quando paralisou as atividades por conta de dificuldades financeiras, haja vista os problemas encontrados para fazer chegar açúcar e aguardente ao porto de São Francisco, de onde seria embarcado para o Rio de Janeiro. Neste período eles moravam na parte central da colônia e posteriormente vão para o morro. Alguns afirmaram que isso se deu porque as terras que Jourdan ocupava pertenciam à Princesa Isabel e sua situação ali seria muito insegura. Já as terras à margem direita do Rio Jaraguá eram terras estatais e, por essa razão, lhes daria muito mais tranquilidade. Contudo, os negros não foram para o morro por causa da tranquilidade, mas sim porque foram sistematicamente expulsos das regiões centrais do que hoje é Jaraguá do Sul. Primeiro quando o Estabelecimento Jaraguá fechou e os deixou na mão, sem lugar para ficar e sem pagamento; depois, no início do século XX, quando foram expulsos a ferro e fogo por ordem judicial conseguida pelos proprietários da companhia que comprou as terras que haviam pertencido a Jourdan, formada por Francisco Tavares Sobrinho, César Pereira de Souza e Angelo Piazero. Foi através dos imigrantes italianos, que começaram a chegar à colônia a partir de 1892 que o morro ficou conhecido como "Morro da África", denominação que serviu, e serve, para designar o espaço onde mora a população negra do Jaraguá, e que com o tempo substituiu a primeira. Durante muitos anos foi utilizada inclusive por aqueles que o habitam, não sendo raros os

negros que ainda se lembram dela. Dessa forma, o morro passou a ser chamado Morro da África e se transformou num ‘formigueiro de pretos’, como nos contam antigos moradores. Atualmente alguns o chamam de Morro das Antenas, se referindo à ela como ponto turístico, o que não diminui os problemas vividos pelos moradores, sejam eles os reais ou os da representação do morro como um lugar “muito mal falado”, conforme alguns moradores.

Palavras-chave: Morro da Boa Vista; Morro da África; Negros.

Olhar Jaraguá do Sul do alto de um morro como o da Boa Vista pode torna-se algo cinematográfico e poético, mas ao mesmo tempo profundamente triste, pois se tem aos pés a miséria produzida e desenvolvida por concepções de cidade e de sociedade – subjacentes e estampadas na densidade do mapa urbano que salta aos olhos – e nas desigualdades econômicas que dão nome e vida ao caos. Sob as asas da liberdade das asa deltas e sobre a beleza da cidade, pode-se ver os contrastes da imagem invertida do asfalto que reluz no morro. Os seus moradores, das janelas de seus barracos e casas, têm uma visão privilegiada da cidade, mas só isso não basta, pois não têm a cidade e o que ela pode oferecer. Ou seja, o olhar panorâmico é um olhar indiferente.

As sensações e formas de mover-se num cenário de adversidades, carência e marginalização com o qual convivem esses moradores, marcados por um processo de exclusão social, chocam o bom cidadão e alarmam a consciência tranqüila, que adivinha em seus habitantes um foco de delinqüência, promiscuidade e vadiagem.

O morro tem cerca de 800 metros de altitude e possui moradores até quase 600 metros. Ele pode ser visualizado através de seu traçado irregular e desconexo de seus espaços vazios e ocupados que expressam formas irregulares, legais e ilegais de ocupação do solo. Há inúmeras escadas de terra encravadas nos barrancos, algumas com até 84 “degraus” barranco abaixo da estrada, onde sair ou chegar em casa é sempre uma tarefa perigosa e se está sujeito a escorregar, cair, se sujar e se machucar.

Quanto mais alto, piores são os problemas. Depois da igreja São Benedito, que é mantida pela comunidade, falta iluminação elétrica nos postes e não são poucos os trabalhadores que enfrentam a escuridão para ir ou voltar do trabalho.

Até julho de 2004 boa parte do morro era considerada área rural pela Secretaria Municipal de Planejamento, mas a maioria dos moradores não são agricultores, haja vista que a inclinação do morro dificulta o trabalho agrícola. No morro, tudo é vertical. Os vizinhos se falam a um desnível de, no mínimo, três metros de altura. O morador do lote inferior ergue a cabeça cada vez que precisa falar com o vizinho, que por sua vez precisa abaixar-se para manter uma comunicação efetiva.

A constituição geográfica do lugar permite uma lógica arquitetônica que apresenta uma composição habitacional complexa, onde a maioria das casas são construídas em madeira, sem pintura e próximas umas das outras. Em sua maioria, não têm serviços de infra-estrutura urbana, tais como saneamento básico e abastecimento de água, e algumas não possuem energia elétrica. Além disso, por conta da construção em terrenos muito acidentados se percebe a existência de casas cujas janelas ficam à altura do pátio do vizinho, quando não são tapadas por paredões de terra acima dos quais passam ruelas estreitas ou se levantam pequenas casas.

As servidões (ruelas ou escadas encravadas na terra, verdadeiros labirintos para quem não está acostumado com o morro) acompanham construções delimitadas por tortuosas cercas em disformes pedaços de terra, cortadas, de quando em vez, por valetas de esgoto exposto ou desembocam nas duas ruas principais, que assim se apresentam por serem um pouco mais largas e estarem dispostas no início e no final dos dois blocos do morro. Encontram-se, também, espaços habitacionais cujo contorno de propriedade limita-se à área construída: neles não existe possibilidade visível de demarcação de ruelas de acesso ou de divisão de terra, ou seja, são terrenos marcados pela utilização comum.

Lá estão os quintais, muitas vezes sem cerca a separá-los dos quintais vizinhos, espaços de diferenciação das atividades acessórias a cada família – uma horta, uma bancada para ‘bricolagens’ e consertos, um estoque de lenha empilhada que economiza a compra do bujão de gás, a pequena criação de galinhas ou

ainda a construção de pequena casa para um filho casado. E do fundo dos quintais chega-se aos becos, trilhas através das quais se dá grande parte da locomoção e da comunicação entre os moradores (ALVIM, 1997, p. 145).

Os primeiros metros da rua que dá acesso ao Morro da Boa Vista são tranqüilos do ponto de vista da topografia. Da Rua 25 de Julho, onde começa a Rua Domingos Rosa, um dos acessos ao morro (outro acesso se dá pela Rua Campo Alegre), ao morro, até o pontilhão são 386 metros, sendo que a altitude oscila de 27,9 a 53,5 metros.

O morro tem duas ruas principais (além dessas, existem mais oito “ruas”, verdadeiros “carreros”, escadas na terras, caminhos encostas abaixo ou acima), ambas de barro, com algum macadame em certos pontos: a Domingos Rosa, que passa por todo o morro e dá acesso ao Pico das Antenas, e a Rua Francisco Jacomini, que atravessa parte do morro e se liga com a Domingos Rosa através de uma ruela aberta pelos moradores. A locomoção é dificultada por uma série de caminhos, “carreros”, degraus para subir ou descer, trilhas que levam a alguma casa. Para percorrer o morro é preciso observação e cautela; deve-se percorrê-lo não apenas através de suas ruas aparentes, mas todas as suas ruelas e trilhas, o que nos revelará outras dimensões da vida social que acontecem naquele território.

No Morro da Boa Vista predominam moradias situadas no fundo de terrenos em que se dividem as instalações sanitárias com outros moradores e com graves problemas de saneamento, transporte, serviços médicos e escolares. Os habitantes enfrentam sempre a dificuldade da declividade, que impede a subida do caminhão para a coleta de lixo, e da altitude, que impede o abastecimento de água por pressão da rede. Há casas na beirada da rua, mas muitas delas foram construídas nos barrancos.

Mas, afinal, de que lugar/espço, estamos falando? O Morro da Boa Vista, localizado em Jaraguá do Sul (SC), como região ou construção simbólico-ideológica de um espço dotado de historicidade não existia até o final da década de 1870, e só passa a ser conhecido por este nome a partir de 1880. Há registros de que a primeira indicação oficial tenha sido feita por Jourdan, quando naquele ano mandou estender uma faixa branca composta de duas peças de tecido de dez metros cada, firmadas em três varas de taquaruçu e fixadas na parte oeste do pico com vista ao

mar, de onde poderiam ser vistas desde o porto de São Francisco. Alexandre e seu irmão, Manoel Alves de Siqueira, e o caboclo João da Silva Rondão, se incumbiram da tarefa (SILVA, 1975, p. 54).

Os primeiros habitantes do morro foram trabalhadores negros – entre os 60 trabalhadores trazidos e destinados à lavoura estavam Domingos e Marcos Rosa, que foram os primeiros moradores do Morro da Boa Vista –, “vindos do Norte e do Rio de Janeiro, que trabalhavam para Jourdan no Estabelecimento Jaraguá” (STULZER, 1972, pp. 11-12). Ele funcionou até 1883, quando paralisou as atividades por conta de dificuldades financeiras, haja vista os problemas encontrados para fazer chegar açúcar e aguardente ao porto de São Francisco, de onde seria embarcado para o Rio de Janeiro.

Segundo um texto obtido junto ao Arquivo Histórico Municipal de Jaraguá do Sul, intitulado Histórico de Jaraguá do Sul (mimeo, s/e.),

como primeiros moradores constam alguns trabalhadores de Emílio Carlos Jourdan, que para ali se mudaram depois do fechamento do Estabelecimento Jaraguá [1884]. Se mudaram para ali porque as terras que Jourdan ocupava pertenciam à Princesa Isabel e sua situação ali seria muito insegura. Já as terras à margem direita do Rio Jaraguá eram terras estatais e, por essa razão, lhes daria muito mais tranqüilidade. Como a maioria eram negros ou mulatos, de forma pejorativa apelidaram o Morro da Boa Vista de ‘Morro da África’.

Contudo, os negros não foram para o morro por causa da tranqüilidade, mas sim porque foram sistematicamente expulsos das regiões centrais do que hoje é Jaraguá do Sul. Primeiro quando o Estabelecimento Jaraguá fechou e os deixou na mão, sem lugar para ficar e sem pagamento; depois, no início do século XX, quando foram expulsos a ferro e fogo por ordem judicial conseguida pelos proprietários da companhia que comprou as terras que haviam pertencido a Jourdan, formada por Francisco Tavares Sobrinho, César Pereira de Souza e Angelo Piazero. Jourdan vendeu suas terras em 01/07/1898, quando se retirou definitivamente do Jaraguá.

Com a chegada dos imigrantes europeus, em sua maioria alemães e italianos<sup>1</sup>, eles foram perdendo suas terras, como contam

---

<sup>1</sup> Os italianos começaram a chegar no Jaraguá em 1892, vindos de Blumenau e Rio dos Cedros, via Pomerode. Eles se instalam na Barra do Rio Cerro, Nereu Ramos e Santa Luzia. Alguns deles, como a família Piazero, ficaram no centro. Foi através deles que o lugar ficou conhecido como “Morro da África”, denominação

meu avô foi escravo e ele, assim como meus pais, contavam que antes de morar no Morro da Boa Vista, moravam na Vila Nova [localidade vizinha à atual]. Com a chegada dos Piazero, foram obrigados a mudar para o morro, onde passaram a viver, construíram casas e abriram muitas roças de cana, mandioca e frutas, produziram cachaça e farinha<sup>2</sup>.

Eu já ouvi falar que antes de vir aqui pro Morro, moravam na Vila Nova, depois com a chegada dos Piazero, o pai do Renato Piazero, não sei o que deu lá, parece que tiraram e jogaram aqui pra cima (Depoimento de Elisa Rosa, citado por SILVA, 1988, p. 15).

Segundo Silva (1975, p. 54), estes colonos europeus depararam-se com uma regular favela, instalada na elevação mais próxima da aldeia do Jaraguá, iniciada no ano de 1901, cujos proprietários “eram os ex-operários da fazenda do Jourdan, constituídos de gente, em sua maioria de cor negra<sup>3</sup>, dos Rosa, Ventura, dos Rita e outros. Atualmente, bem poucos dos remanescentes sabem algo sobre o nome grotesco<sup>4</sup> de ‘Morro da África’”.

Para muitos, da mesma forma que as Histórias do morro e de Jaraguá do Sul se confundem, não se pode separar a História de Domingos Rosa da do Morro da Boa Vista, pois teria sido ele, com sua numerosa prole, um de seus primeiros habitantes. Em princípios de 1880, seu pai, João Estevão de Oliveira Rosa, veio acompanhado de sua família trabalhar com Jourdan na abertura de um canal que facilitaria a ligação entre o Jaraguá e o porto de São Francisco, que acabou não acontecendo por falta de recursos. De João Estevão, negro, sabe-se que era natural do Porto de Ubanda, na África, e que se casara com Rosa Thomasia da Conceição, aos 18/10/1867, em Joinville. Domingos Rosa, seu filho mais velho, casou-se com

---

que serviu, e serve, para designar o espaço onde morava a população negra do Jaraguá, e que com o tempo substituiu a primeira. Durante muitos anos foi utilizada inclusive por aqueles que o habitam, não sendo raro os negros que ainda se lembram dela

<sup>2</sup> Depoimento de Waldemiro, citado por SILVA (1988, p. 15). Essa informação foi comprovada por Silva (1988), que lá encontrou oratório com uma “santa negra” que afirmam ser Nossa Senhora Aparecida. Mas antes dela, teria havido lá uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, até hoje considerada a grande protetora dos negros e a quem rendiam cultos e realizavam uma grande festa (LEITE, 1988).

<sup>3</sup> “Jourdan, no ano de sua chegada, teria tido um desentendimento com a Companhia Hamburguesa de Colonização, que tomava como suas aquelas terras. Como desdobramento deste episódio, ele teria pedido ao governo a revogação do decreto 998 de 17/04/1883 que solicitava a anexação de Jaraguá a Joinville. Esta petição contava com a assinatura de 237 pessoas que queriam pertencer a Paraty (Araquari). Conforme consta, ‘Jaraguá era considerada, então, uma terra de negros e analfabetos’” (LEITE, 1988, p. 66).

<sup>4</sup> Percebe-se que nas palavras “grotesco” e “favela” já está presente o preconceito e a discriminação que vão marcar até os dias de hoje a localidade. Atualmente alguns o chamam de Morro das Antenas, se referindo à ela como ponto turístico, o que não diminui os problemas vividos pelos moradores, sejam eles os reais ou os da representação do morro como um lugar “muito mal falado”, conforme depoimentos vistos acima.

Rita Veríssima da Conceição; ele casou-se mais duas vezes e teve 36 filhos, dos quais alguns ainda vivem e moram no Morro da Boa Vista (SILVA, 1975, p. 58).

De acordo com Norberto Rosa, filho do 3º. casamento de Domingos Rosa, em entrevista ao autor em 24/07/2003, seu pai nasceu na África e era descendente da tribo Buruanga – sobrenome que teria o significado de “mamangava” (em tupi, um tipo de inseto da família das abelhas) –, tendo sido lá escravo; em Jaraguá lhe trocaram o sobrenome, provavelmente no Rio de Janeiro, para Rosa, para poder legalizar os seus documentos, o que teria sido feito por Jourdan. Segundo ele, seu pai morreu com cerca de 115 anos, em 1946, o que foi atestado em sua certidão de óbito que se encontra no Cartório de Registro Civil de Jaraguá do Sul no livro C8, folha 221. A causa mortis, senilidade, foi atestada pelo médico Álvaro Batalha e o registro foi feito no dia 10/05/1946 pelo seu filho José Rosa. Segundo a certidão ele nasceu em São Francisco do Sul, Santa Catarina<sup>5</sup>.

Domingos Rosa, um dos prováveis primeiros moradores do morro, trabalhou no Estabelecimento Jaraguá. Em dezembro de 1893 ele e outros trabalhadores tiveram que desocupar o local por conta de sua invasão pelas tropas federalistas de Gumercindo Saraiva.

Mesmo com o engenho paralisado, com os canaviais queimados e a debandada dos trabalhadores, Domingos Rosa conservou-se na área do engenho até 1896, ano da destruição e da retirada de tudo; máquinas que ali existiam, trazidas pelos alemães vindos de Joinville, foram retiradas da cobertura de zinco do engenho, pelos moradores com direito aos salários por receber de Jourdan. Abriu clareira à margem do rio Jaraguá, região atravessada pela atual rua Barão do Rio Branco (SILVA, 1975, p. 59).

---

<sup>5</sup> Consulta do autor em 23/10/2003. A partir da entrevista com Norberto Rosa, confrontada com outros dados, podemos observar vários desencontros, o que dificulta precisar a data da ocupação do morro. A data de sua morte, 1946, confere com a da entrevista, mas não a idade, pois seu pai se casou em 1867. Se ele nasceu nesse mesmo ano, o que não deve ter acontecido, mas só em 1868, morreu com cerca de 80 anos. O local de nascimento não confere, pois ele nasceu, como vimos, em São Francisco do Sul (ou pelo menos lá ele foi registrado). Se Domingos Rosa ficou na área do engenho até 1896, mesmo ele não pertencendo mais a Jourdan, então o morro começou a ser povoado, provavelmente, a partir dos anos de 1897. Além disso, se Domingos Rosa foi o primeiro a fazer uma taxada de açúcar no engenho de Jourdan, conforme Silva (1975, p. 59) e este começou a funcionar em 1877, então ele tinha cerca de 10 anos, mas, porém, como ele estava no Jaraguá, se o mesmo Silva (1975, p. 59) diz que ele veio com seu pai em 1880 para abrir um canal? Ademais, conforme os documentos analisados por Stulzer (1972) Domingos Rosa chegou no Jaraguá em 1876/1877 e já era casado.

Foram dessas terras, planas e no centro da colônia, que os primeiros moradores do Jaraguá, os negros, foram expulsos<sup>6</sup> mais tarde, por volta de 1907, quando a sociedade que comprou as terras de Jourdan requereu despejo dos moradores sem títulos, em juízo, e assim, por despacho do juiz de direito de Joinville, o policial Gabriel de Moraes<sup>7</sup>, cumprindo o mandado, desalojou com violência e arrasou com fogo as roças e casas dos negros. Antes, porém, segundo Silva (1975: 59) “já existia um pequeno agrupamento no morro da Boa Vista, de descendentes de pretos, desde 1901. Domingos Rosa, João Ventura e Justino de Oliveira partiram, a pé, para Florianópolis a fim de sensibilizar as autoridades. O governo vendeu-lhes então três lotes de terras, onde já havia pequena favela”.

Pelos depoimentos de Elisa e Waldemiro, citados acima, fica claro que os negros foram expropriados e que eles sabem disso, como lembra seu Ermelindo, ao nos dizer que

em 1900, 1900 e pouco, muitos negros moravam perto do Angeloni e do Belinhg. Até o Marcatto o governo deu pros negros morarem. Aí chegou um engenheiro, o Piazero. Os negros eram analfabetos e ele trocou, colocaram os negros aqui pro morro e o engenheiro vendeu as terras pros alemães. Tinha um morador que não queria sair e eles tocaram fogo. Aí veio um pessoal de Joinville, a polícia, e tocaram fogo nas casas e roças pros negros saírem e irem pro morro. O Domingos Rosa, um Venturi e um Venera foram até Florianópolis a pé pra resolver a situação (Seu Ermelindo Rosa, mora no Morro da Boa Vista há 77 anos; é neto de Marcos Rosa).

Segundo nossa pesquisa na Gerência de Assuntos Fundiários e Fundo de Terras de Santa Catarina em 31/03/2004, Domingos Rosa comprou do Governo de Santa Catarina as terras no Morro Jaraguá, na Linha Três Bicos, mais especificamente o lote nº. 2, circulado na planta abaixo, que possuía uma área 300.000m<sup>2</sup> e foi vendido por 360.000 réis. Ele foi concedido por despacho do governo em 03/08/1904 para ser pago em seis prestações iguais e anuais. O título definitivo deveria ter sido passado em 1910, mas houve atraso no pagamento de

---

<sup>6</sup> Mas essa não foi, contudo, a única expropriação sofrida pelos negros em Jaraguá do Sul. Segundo João Laércio Rosa “ali onde é o banco Itaú, no centro de Jaraguá, era tudo dos Rosa, que ali ele tinha a casa dele (...) depois compraram deles e pra indenizar ele compraram uma casa lá perto do Juventus [estádio de futebol que fica no bairro Jaraguá Esquerdo] (...) isso foi na virada de 60 e início de 1970 já”.

<sup>7</sup> O Cabo Gabriel de Moraes era do Rio Grande do sul. Chegou até Desterro com as tropas dos maragatos, onde desertou e andou foragido pela Ilha de Santa Catarina. Com a derrota dos federalistas reapareceu e engajou na Polícia do Estado. Em 1901 foi enviado ao Distrito Policial de Jaraguá, onde permaneceu até 1913, data de sua morte. Pelos bons serviços de zelar pela manutenção da ordem pública passou a cabo (SILVA, 1975, p. 369).

algumas prestações e ele só foi passado em 17/04/1914 pela Diretoria de Terras. O lote nº. 1, cuja planta reproduzimos abaixo, foi vendido a Marcos Rosa, seu irmão. No nome de João Ventura e Justino de Oliveira não consta nada.

Como vimos, o Morro da Boa Vista “nasceu” da ocupação dos negros, os primeiros habitantes do Jaraguá. E, infelizmente, nasceu marcado pelo estigma, pelo preconceito, pela discriminação e pelo descaso, situação que marcam os moradores até hoje. Segundo Elisa Rosa, “antigamente, quando a gente ia na escola, eu estudei lá embaixo, porque não tinha escola aqui perto, eles começavam a chamar a gente de negros do Morro da África. Brigavam, xingavam a gente de negros do Morro da África” (Depoimento citado por LEITE (1988, p. 69). As entrevistas foram feitas por José Bento Rosa da Silva).

Pedro Gerent, ex-morador do morro, falando sobre as relações dos negros com outros moradores diz que

tinha uma capela em que eles faziam muitas festas, só os negros iam. O Carlos Rosa era o chefão. Tinha ainda o Domingos e o Emílio. Naquela época os brancos tinha um rixa com os negros, não gostavam que se misturassem. No Morro da Boa Vista os negros brigavam muito, a gente não se dava, não se enquadrava. Muitos negros roubavam, sempre dava encrenca e resolvemos sair porque mais tarde podia ficar pior. Tinha negro que era gente boa, mas tinha aqueles que eram cacos mesmo. Aquilo lá era um formigueiro de preto.

Para Leite (1988, p. 67), tudo indica que o modelo de organização adotado pelos descendentes de africanos em Jaraguá seguiu, até recentemente, o padrão de isolamento étnico adotado pelas colônias vizinhas, e teria relações diretas como movimento geral de instalação das colônias de imigrantes europeus, onde a posição subalterna e até marginal dos descendentes de africanos em relação àqueles é flagrante. Aí começou sua “invisibilidade”, uma vez que foram desconsiderados no momento da partilha das terras. Além disso, ela lembra que os títulos de posse eram vendidos, exatamente para se impedir que os ex-escravos tivessem acesso às terras então disponíveis e que a noção de propriedade da terra que orienta a ocupação da área já os exclui, já os empurra para a condição de homens sem direito à terra<sup>8</sup>.

Muitos dos negros que vieram pro morro eram nascidos no Brasil mesmo. As suas casas eram de sapé e palha. Eles pediam autorização pros mais velhos e quem mandava aqui era meu pai e meus tios Marcos e Custódio, que tinham a posse das terras. Foi aumentando a população e as casas de sapé foram modificadas quando as ruas foram melhoradas e já subia caminhões na década de 60 e 70. O pessoal vivia de serviço braçal, roça. Aqui no morro tinha água

<sup>8</sup> Isso não é de todo verdade, pois, como vimos, Domingos Rosa comprou um lote no morro em 1904.

suficiente. Plantavam mandioca, taiá-japão, milho, criavam galinhas e porcos pra sobrevivência e para o comércio. Também vendiam de porta em porta. Hoje os negros que moram aqui trabalham em empresas. Emprego na época era um sacrifício. Existia o Breithauth, Indústria Reunidas, vários descascadores de arroz e a prefeitura. Então, basicamente o pessoal vivia da agricultura e poucos conseguiam emprego nas fábricas, talvez por falta de sabedoria, educação e intimidação (Seu Norberto Rosa, nascido há 67 anos no Morro da Boa Vista, é filho de Domingos Rosa (24/07/2003)).

No decorrer do século XX os negros conseguiram sobreviver através de estratégias de produção coletiva e manutenção de fortes vínculos familiares, pois “no morro é tudo parente”. Eles viviam de uma agricultura de subsistência e também criavam porcos, galinhas e vacas, cujo excedente, como o de laranja, chuchu, cana, milho, banana e farinha, era vendido na cidade.

Era um sofrimento só aqui no morro. Tudo era dificuldade. O que mais a gente penava era com a alimentação. Tá certo que tinha o que se plantava na roça, mas não dava e quando não se tinha salário na família aí ficava pior ainda. Eu me lembro como se fosse hoje das vezes que nós ia lá embaixo, no açougue que ficava lá embaixo e pegava as miudezas que a gente chamava fersura e que eles jogavam fora. Não é que nem hoje que de todo o animal quase tudo se aproveita. Não. Eles jogavam muita coisa fora e a gente pegava ou ia lá e trocava por tangerina de uns pés que tem aqui. Tinha lá embaixo um tal de Urbano onde a gente ia trocar fruta e verdura por arroz e feijão. Lembro também que a gente não jogava fora osso velho. A gente pegava eles e guardava uns dois, três meses e depois levava pro Michigan fazer botão (Maria Rosa, descendente de Domingos Rosa. Entrevista ao autor em 20/08/2003).

Sobre os moradores do Boa Vista, Seu Antônio Kliminkowsky, que mora no morro desde 1955, diz que

aqui moravam muitos negros. Aqui era o Morro da África por causa disso. A maioria deles trabalhava fazendo umas rocinhas, fazendo biscate, fazendo farinha. Depois que morreu Domingos Rosa [1946], um dos primeiros negros a vir para o morro, tudo começou a mudar e muitos negros saíram daqui. Alguns foram trabalhar no Paraná, na lavoura de café e algodão. Eles eram levados de caminhão pelo “X”, que muitas vezes ficava com o dinheiro e largava esse povo lá. Muitos não voltaram ou voltaram muitos anos depois. Outros foram pra Vila Lenzi trabalhar em uma propriedade agrícola (Seu Antônio Kliminkowsky, de Massaranduba (SC), morou em Corupá e Joinville (SC) nos anos 1950. Mora no Morro da Boa Vista desde 1955. (Entrevista ao autor em 05/08/2003)).

Segundo Seu Antônio, suas casas eram casas de pobre, de madeira e cobertas de palha. Casas de tijolo não tinha nenhuma e “hoje ainda não tem aqui no morro quase casas de tijolos. É muita casa pendurada nos barrancos. Barraco caindo aos pedaços tem de monte, mas não é só de negro, tem muitos de outros

lugares morando aqui”. Outros também falam dessa questão em seus depoimentos, como João Laércio Rosa e Maria Rosa, respectivamente.

Tinha sim muita choupana no morro, mas já faz muito tempo. Isso foi na época de 1930 que o meu pai me contou. (...) tinha, mais bem depois, umas casas que já eram de alvenaria e de madeira. Essas tinha pelo morro todo, mas eu sei que mais perto da igreja, onde é agora, tinha mais. As casa era cobertas de palha. (...) o colchão era feito com palha de milho, feito de capim, cheio de folha de bananeira, com folha de milho. Era assim uma casinha de palha com duas peças mais não tinha divisão, era um quarto simples e uma cozinha, uma mesa de madeira rústica, feito assim de madeira bruta (...) era com lamparina, que não tinha luz elétrica (João Laércio Rosa, neto de Domingos Rosa e que atualmente mora em Guaramirim (SC). (Entrevista concedida a Ademir Pffiffer em 15/07/2003, que gentilmente nos cedeu a transcrição)).

Antigamente as casas eram tudo de ripa de embaúva e coberta de palha de palmito. Era de chão batido. Tinha muita delas aqui no morro. Depois foi mudando com o tempo, que os moradores foram comprando umas tábuas, umas telha, até tijolo e foram melhorando as casas. Hoje tá melhor, mas tem muita casa onde moram várias famílias e casa muito pequena, que mal cabem dois dentro, como essas aí embaixo que dá pra ver daqui. É que aqui em cima do morro é tudo pobre, que ganha pouco e que chega aqui sem quase nada e a gente deixa construir uma casinha pra eles ficar (Maria Rosa, descendente de Domingos Rosa. Entrevista ao autor em 20/08/2003).

A partir da década de 1940 o crescimento industrial de Jaraguá contribuiu para mudar toda a fisionomia da região e a vida de seus moradores, incluindo também os do Morro da África. O município tornou-se um dos pólos industriais do Estado, e juntamente com Joinville e Blumenau passou a fazer parte do chamado “triângulo industrial catarinense”. Nessas indústrias foram trabalhar vários moradores do Morro da África e seus parentes que se transferiram para a Vila Lenzi nos anos 1960. Não resta dúvida de que houve um momento de expansão industrial, onde a necessidade de mão-de-obra possibilitou aos moradores do morro serem aceitos, quebrando assim uma sólida barreira colocada desde o início entre eles e os imigrantes europeus e seus descendentes, mas, não resta a menor dúvida, também, de que foram escalados para os piores serviços (LEITE, 1988, p. 67).

Contudo, durante os primeiros tempos de funcionamento destas indústrias os negros foram rejeitados como operários, permanecendo de certo modo isolados do processo de inserção profissional nos empregos que surgiram em Jaraguá do Sul. A

quebra dessa rejeição representou um marco importante, guardado até hoje na memória, pois

Jaraguá sempre foi muito sacrificado para os negros pegar um serviço. (...). A gente era só na base da roça, da enxada, serviço pesado. Eles acham que para certos serviços os brancos são superiores, como escritório, gerente (...). Aqui em Jaraguá eu conheço só um negro que é gerente de supermercado, que não é grande. Ele enfrentou muita coisa prá chegar lá. (...). negro a gente não vê nestes cargos. A gente vê negro é pintando carro, numa firma é nos serviços pesados, sujos (Depoimento de um negro, citado por LEITE (1988, pp. 67-68). As entrevistas foram feitas por José Bento Rosa da Silva).

Uma pesquisa realizada pelos bairros e localidades de Jaraguá do Sul em 2002 pelo Correio do Povo, corroborou o preconceito histórico em relação a diversas partes da cidade de Jaraguá do Sul, tal como as mantidas com o Morro da Boa Vista. Tendo a pergunta “O que o bairro precisa?” como mote, o que os vários moradores entrevistados no morro responderam evidencia as diferenças entre os bairros e os investimentos feitos.

Aqui estamos esquecidos de tudo e de todos. Não temos nada. Não temos creche, posto de saúde, transporte coletivo e a rua é uma desgraça. A Prefeitura não tem feito nada pelo nosso bairro. As mães precisam trabalhar e não têm onde deixar os filhos. Quando alguém fica doente não tem médico. É uma grande vergonha o jeito que estamos sendo ignorados pelo poder público. Já fizemos abaixo-assinado, mas não adiantou (Depoimento de Vilmar Mitteltaedt, publicado no Correio do Povo, Jaraguá do Sul, 23/03/2002, p. 5).

Esse histórico é confirmado por Maria Rosa, moradora do Morro da Boa Vista “a vida toda”.

há um tempo atrás aqui morava muitos negros. Tudo da nossa família Rosa. (...) aqui se plantava laranja e outras árvores frutíferas. Sempre foi plantado. Hoje tudo mudou e não tem mais quase nada disso porque os terrenos são pequenos, ocupados. (...). Tinha água correndo, piavinhas no riacho e pão feito com inhame que se colhia no mato. Hoje não tem mais nada disso. (...). Era bom de tomar banho na cachoeira, mas hoje ela é tão pequena de água que não dá nem prá entrar, além de estar toda suja. (...) alguns tinham tipo sítios que foram loteando, vendendo pro pessoal que estava chegando no morro, que hoje está mais sofrido ainda. É falta de água, que tem que pegar do morro, esgoto, que o povo joga tudo no mato, na cachoeira, energia que não tem direito. Hoje ainda não mudou muita coisa e o povo está abandonado e cada um vai se virando como pode pra sobreviver aqui em cima.

Seu Antônio Kliminkowsky conta que quando foi para o morro, em 1955, sua mudança foi levada nas costas pela antiga estrada, o que significa dizer que caminhou quase três quilômetros por uma picada. Outra parte ficou na casa de seu

amigo Chico Jacomini, que morava no pé do morro. A mudança foi levada aos poucos, pois nem sempre dava para se levar alguma coisa por causa das condições do caminho, haja vista “que quando chovia a gente perdia o tempo que tinha aberto a estrada a picareta e enxadão, que virava lama e valos, o que impedia a passagem de animais. Pra trazer tudo demorou uns dois meses”. Depois de algum tempo a estrada foi aberta e já passava carro de boi. Doentes e falecidos eram transportados de carroça, isso quando não chovia muito. Teve uma vez que ele carregou a esposa, com tétano, morro abaixo nos braços e depois emprestou uma bicicleta para ir até o hospital.

A estrada foi, durante muitos anos, um dos grandes problemas dos moradores do Boa Vista. Foi Seu Antônio, com a ajuda de mais duas famílias, os Spézia e os Francener, que começou a construir a estrada em 1965, na qual gastaram “muito dinheiro, tudo conseguido com a venda de laranja, banana e arroz para a indústria, mas tinha que ser feita. Não dava para ficar como estava, uma picada que não passava nada”. Segundo ele, foi preciso pegar dinheiro emprestado e empreitar uma máquina de esteira, pois alguns vizinhos não ajudaram porque não podiam e outros porque não queriam. Nem mesmo a prefeitura ajudava, e um “prefeito” (o prefeito de Jaraguá do Sul em 1965 era Roland H. Dornbuch) chegou a dizer que não precisava estrada no morro, porque ‘em qualquer carreiro de tatu preto passava’. Foram quase três quilômetros de estrada aberta a picareta, enxadão e máquina de esteira”.

Vários anos depois que o prefeito declarou que “não precisava estrada no morro porque em qualquer carreiro de tatu preto passava”, “a municipalidade resolveu abrir caminho no Morro da Antena” [Morro da Boa Vista]. Pela notícia pode-se facilmente vislumbrar o que significava subir o morro, pois era preciso “abrir caminho”. Mas por que essa mudança em relação ao morro? Seria para facilitar a vida de seus moradores? Ao que tudo indica não. O caminho estava sendo aberto “para dar condições de se implantar no morro as repetidoras de canais de TV que atuavam em Santa Catarina e torná-lo um ponto turístico de invejável beleza” (A Gazeta de Jaraguá, Jaraguá do Sul, 21/09/1979, p. 1).

As obras prosseguiram, mas enfrentavam várias dificuldades, tais como as pedras, a topografia acidentada e o mau tempo, de forma que a empresa contratada para abrir caminho para o Morro da Antena, só concluiu os primeiros trabalhos, permitindo que em dias de sol veículos atingissem o topo do morro, em janeiro de 1980.

É importante observar que a localidade do Morro da Boa Vista, que pertencia ao Bairro Ilha da Figueira, apesar de ser uma das mais antigas regiões de ocupação de Jaraguá do Sul, só foi transformado em bairro em 14/07/2004, através da Lei nº. 3.620, e passou-se a denominar Bairro Boa Vista. Porém, melhorias existentes em outros bairros e localidades mais recentes ainda não chegaram ao morro, como água encanada para todos, energia elétrica, pavimentação, coleta regular de lixo, transporte e posto de saúde. No dizer de seus moradores, “é um lugar abandonado por todos. Ninguém olha pra cima, pro morro”. Na verdade olham para o morro, mas com um olhar panorâmico, porque o morro é o único acesso ao Morro das Antenas, à rampa de salto das coloridas asa deltas. O que vale no morro é a paisagem, o acesso para as antenas, a rampa para o vôo livre, e não seus moradores, pois “aqui em cima precisa de muita coisa, de um posto de saúde, de transporte coletivo e também de uma creche. Por exemplo, o posto de saúde ajudaria os idosos que não precisam descer o morro toda vez que precisa ir pro médico que tem lá na Ilha da Figueira e na Vila Nova” (Paulo, de Luís Alves, mora no Morro da Boa Vista desde 1983. Entrevista ao autor em 28/07/2003).

### Referências bibliográficas.

- ALVIM, Rosilene. **A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren**. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.
- SILVA, Emílio. **O II livro Jaraguá do Sul: um capítulo na povoação do Vale do Itapocu**. Jaraguá do Sul, 1975.
- STULZER, Frei Aurélio. **O primeiro livro de Jaraguá**. Petrópolis, Vozes, 1972.
- Arquivo Histórico Municipal de Jaraguá do Sul Eugênio Victor Schmöckel. **Histórico de Jaraguá do Sul**. Mimeo, s/e.
- LEITE, Ilka Boaventura. (Coor.). **População de origem africana em Santa Catarina: limites da diferenciação étnica**. Relatório de pesquisa do Núcleo de Estudos da População de Origem Africana da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, nov./1988.
- SILVA, José Bento Rosa da. **A população “morena” do Bairro Vila Lenzi/Nova Brasília de Jaraguá do Sul – SC**. Itajaí, 1988. (Monografia). Fundação de Ensino do Vale do Itajaí.